A GRÉVE

A emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos proprios trabalhadores.
Karl Marx.

Internat. Inst. Soc. Geschiedenis Amsterdam

ANNO I ✻ DIREÇÃO: ELYSIO DE CARVALHO, RUA DO RIACHUELO, 204, RIO DE JANEIRO, BRASIL ✻ NUM. I

1 de Maio de 1903

Nós, os libertarios deste lado do Atlantico, neste dia, dia do nascimento da primavéra das flores, dos sentimentos e das rebeldias, floreal maravilhoso, dia em que se recolherá os frutos sazonados das fecundantes sementes da arvore simbolica da Liberdade, que semearam coraçõis puros como o azul dos longiquos mares, dia em que devemos energicamente lavrar um protesto contra o Capital e a Tirania, dirigimos a todos os escravos modernos do trabalho, a todos os oprimidos, a todos os proscritos, a todas as vitimas do furor despotico, a todos os galés da miseria, a todos os condenados da vida, a todos os revoltados contra esta perversa sociedade, a todos áqueles que, como o joven Parsifal, trazem o Graal das revoltas supremas e das reivindicaçõis augustas, a todos os Homens veridicos, emfim, daqui e dalém fronteiras, que esperam, como nós, a aurora da Justiça, a primavéra da Razão, a vitoria definitiva do sublime Ideal, a generosa e edificante Anarquia, dirigimos pelo nosso acrisolado amor pela Internacional, que fundará a republica mundial sem deuses nem senhores, uma afetuosissima saudação, uma saudação de esperança, de fraternidade e de revolta fervorósas.

O NOSSO IDEAL

O aparecimento de jornais, que se arrogam o papel de abnegados defensores do povo, é de certo um fáto por demais vulgar; raro é o anno em que se não vê surgir pelo menos uma duzia destes ignobeis instrumentos de exploração mercantil, procurando com alguns adjetivos sonóros, lisongear a vaidade do operario para extorquir-lhes o dinheiro necessario a bolsa vasia dos vendilhõis da inteligencia; e por isso que o unico pensamento que anima taes exploradores da ingenuidade popular é a visão grosseira do lucro, quando se trata de enfrentar com seriedade as questõis humanas, tremem todos e fogem ardilosamente para não dizer a verdade que por ventura possa parecer cruel aos seus leitores. E todavia a despeito da habitual falta de criterio destes filhos degenerados da imprensa, ainda ha quem se deixa iludir, tomando por dedicação á causa publica o que não representa sinão a voz cavilosa de interesses inconfessaveis.

A prova disto temol-a patente na popularidade indevida que já conquistaram alguns destes orgãos, em troca das suas bajulaçõis.

Mas não é tempo ainda de formular libélo a este respeito; se tocamos no assunto, foi para que fique consignado que absolutamente nada temos de comúm com esse jornalismo de balcão, infelizmente o unico senhor do nosso meio. O nosso idéal é outro muito diferente do idéal que os domina. De modo algum queremos conquistar-lhes o titulo de colégas, porque só nos poderemos encontrar no terreno da lúta, que desde já provocamos com tanta franqueza e hombridade.

Como representantes natos das aspiraçõis proletarias, somos os primeiros a colocar-nos em nosso logar convictos de que jamais nos poderemos ligar com os exploradores da miseria e da ignorancia humanas.

Não temos a ingenuidade de acreditar no interesse que por nós aparenta o burguez: e tomamos a sua fingida simpatia, por insulto á nossa dignidade. O triunfo da nossa causa ha-de ser obra exclusivamente nossa, sem o que não passaria duma farça detestavel. Queremos, portanto, que cada qual se compenetre do seu verdadeiro papel.

Um ponto muito importante do nosso programa é o da critica social. Seja no terreno juridico, moral ou industrial. Apreciaremos, francamente todos os acontecimentos do interior e do exterior, nunca sobordinando a nossa penna ás conveniencias pessoais.

A nossa conduta obedecerá o criterio do interesse humano; por isso, defenderemos sempre os oprimidos e estaremos rijo onde estiver a verdade e a justiça. Seremos os seus defensores sistematicos. E para esse fim não duvidaremos em sacrificar todas as leis do direito, saltando por cima de todas as formulas juridicas.

Entendemos que a justiça não é esta coisa absurda que por ai anda assoalhada e coberta da vilta duns preconceitos infames. O direito é um filho legitimo da força e torna-se uma violencia muito mais irritante do que esta quando vai de encontro ás leis de humanidade; assim que usaremos em nosso juizo desse principio infalivel e eterno—a verdade. No intimo de todo o homem ha em estado latente um fundo de justiça que se manifesta na simpatia pelos oprimidos. E' a inspiração da fraternidade humana que num dado momento historico liga o rebanho dos fracos e revolta-o contra as leis deshumanas da tirania. E como queremos sempre estar ao lado daqueles, só nos submeteremos a tão puros ditames.

Seremos, por conseguinte, livres e fieis na franca manifestação dos nossos pensamentos, já analisando a conduta dos depositarios da força, já fazendo a critica concienciosa dos acontecimentos, ou sustentando a justa causa dos oprimidos.

Assim daremos aos nossos leitores uma amostra do jornalismo digno, que se não agacha por traz dos sofismas, nem tampouco transige com a verdade dos fátos, ainda quando sob a pressão do terror.

A FESTA INTERNACIONAL

Ouvrier, prends la machine!
Prends la terre, paysan!
***

A ignorancia do proletariado universal, que entrará num bélo dia livre e sabio na cidade do Justo, é infelizmente uma das causas permanentes dos grandes males que afligem a Humanidade.

Está sobejamente firmado que emquanto não se educar a conciencia do operario, porque a questão social é uma questão moral, o Capital, a besta insaciavel como o Molok fenicio e monstruoso como o Huitzilopachtli mexicano, dominará despoticamente sobre o mundo e despoticamente dirigirá os destinos do homem. O trabalhador, que não póde ser uma maquina inconciente ao serviço do parasitismo, precisa quanto antes ser elevado intelectualmente, para que êle póssa quebrar esta cadeia de mentiras deprimentes e de opressões ignóbeis, forjada pela violencia, que lhe algéma os pulsos, destruir o poder despotico das pessôas e das coisas, aniquilar o monopólio pessoal dos produtos do trabalho coletivo. No dia em que o operario tiver conciencia das suas forças, que constituem um organismo poderoso, o maior de todos os organismos sociais do seculo XX, deixará de ser um instrumento dos exploradores, terá conquistado a felicidade humana. E' preciso, pois, emancipar a conciencia do operario sem o que êle não terá a sua emancipação economica.

—

O espetaculo que em todos os annos, a primeiro de maio, presenciamos nesta capital, a Cinópolis do Novo Mundo, é um exemplo irrefutavel das asserçõis acima escritas: a festa do trabalho na maior capital sul-americana é uma tristissima manifestação de vida das classes operarias no Brasil.

O proletariado indigena, que vive mergulhado numa ignorancia revoltante, ainda não compreendeu a alta significação desta data festejada com tanto entusiasmo pelos trabalhadores do mundo inteiro. "O fechamento das oficinas nesse dia, diz o manifesto dos organisadores da festa do primeiro de maio de 1901, não significa o protesto do operario contra o capital, como tem espalhado os máos socialistas, que em tudo descobrem privilegios e exceções ruinosas ao bem-estar da sociedade. Ele representa, apenas, uma manifestação festiva e legitima. Interessados na vida da fabrica, da industria e do trabalho, associam ás alegrias, pela nobreza de seu oficio, o respeito e a estima dos seus patrõis, de cuja prosperidade só beneficios podem esperar os que trabalham para êla."

E' assim que o operariado no Brazil, educados pelos *chefes* socialistas, compreendeu a festa internacional do trabalho, como uma apoteóse publica do capital!! E' uma vil mentira o que proclamaram esses *máos pastores*, os bons aliádos da burguezia, os envenenadores do proletariado que não terá a sua independencia economica, que está na destruição radical do capital, a base de toda esta miseravel sociedade, que não será uma força capaz de operar a transformação do mundo social, emquanto ouvir os conselhos jesuiticos dos Millerand, dos Jaurés, dos Iglesias de toda casta, parasitas que representam na sociedade atual o mesmo papel dos padres, essas tarantulas da vida. Esta data, que tem sua origem naquêle protesto energico contra o capital erguido por um punhado de bravos revolucionarios, querem os socialistas cinicamente usurpar.

O operario brasileiro transformou o primeiro de maio, data tão edificante e tão evocativa, ainda porque a lôrpa burguezia concede sueto aos condenados da vida e aos galés da miseria, numa festa religiosamente burgueza, numa romaria funebre, numa prossição màcabra, numa mascarada grotesca que se reduz: numa passeiata pelas principais ruas da imunda cidade, formada pelas sociedades operarias, que conduzem os seus estandartes alegoricos, muitos semelhantes aos pavilhões da irmandade de S. Benedito ou ás bandeiras dos clubs carnavalescos da Cidade de Nova, com bandas de musica policiais, cujos sons rouquenhos se confundem com os *vivas ás clases trabalhadoras*, *vivas ao Dr. F.*, *vivas ao dr. chefe de policia*, etc, cortados de quando em vez por silvos agudos de alguns foguetes, que antes de recolher-se vai ao teatro assistir a uma sessão solene onde os *chefes* afirmão do alto de um pulpito que o "fechamento das oficinas nesse dia não significa o protesto do operario contra o capital" mas sim uma festa... burgueza.

E' realmente triste que na aurora do seculo XX, no "seculo do operariado", a festa internacional do trabalho seja uma especie de dia de finados e não um protesto no campo economico contra o capital, uma manifestação de solidariedade entre todas as classes produtoras do globo terrestre, a paralisação conciente do trabalho, um ensaio preparatorio do movimento emancipador, um preludio da Revolução Social.

—

E' preciso, pois, narrar ainda mais uma vez, a legenda luminósa que floreceu, como uma flôr de revolta e de sentimento, rúbra e viva, daquéla esteira de sangue estendida sobre um pedaço de terra americana. Ha quasi tres decenios, na patria de Monrôe, na terra dos *trusts*, onde ha uma monumental estatua representando (ó ironia!) a *Liberdade iluminando o mundo*, num floreal radioso, desenrolou-se uma das mais terriveis tragedias sangrentas da historia contemporanea. « Nos Estados Unidos, o nosso camarada Neno Vasco vai contar-nos, numa pagina brilhante, toda esta historia, nos Estados Unidos havia muito tempo que a conquista das oito horas de trabalho ocupava os trabalhadores. Mas até 1885, a ilusão politica—pedido de reforma á Camara Legislativa e ao Senado—predominou. Foi só depois de uma série de desenganos que o proletariado norte-americano compreendeu que devia contar apenas com as proprias forças, pôr de lado qualquer esperança religiosa em Deus ou no Estado. A Federação das Associaçõis Operarias dos Estados Unidos e do Canadá, a sociedade secreta Os Cavalheiros do Trabalho e um grupo que se afirmava internacionalista e decididamente anti-parlamentar, nascido na Convenção de 1883, lançaram-se resolutamente na ação. Fixou-se o 1º de maio de 1886 para a declaração da gréve geral. O impeto foi admiravel e vitorioso, sendo Chicago sem contestação o centro da agitação grevista.

Foi nesta cidade que, a 3 de maio, uns sete a dez mil grévistas se reuniram em frente da grande fabrica Mac Cormich com o intuito de forçar os *scabs* (traidores) que ali trabalhavam a abandonarem o trabalho. De repente, um bando de policias, sem motivo e sem aviso, assaltou os trabalhadores. Houve luta e da luta desigual, em que os operarios tiveram de recuar, resultaram mortos e feridos. No dia seguinte, *The Alarm*, dirigido por Parsons, e o *Arbeiter Zeitung*, dirigido por Spies, ambos anarquistas, protestaram, fazendo o segundo um viril chamamento ás armas. O apêlo foi ouvido, e no dia imediato, 15.000 trabalhadores reuniram-se em comicio na praça de Haymarket, onde falaram varios oradores populares de Chicago, e entre êles Spies, Parsons e Fielden, anarquistas. Mas a policia fez de novo as suas, esperando a noite para investir. E quando um bando armado de carabinas se lançava sobre a multidão, uma bomba estalou no meio dêle e vinte guardas cairam.

As espingardas de repetição "fizeram então maravilhas" e a burguezia exultou: estava achado um pretexto para uma lição severa... Depois de muitas prisõis, resolveu-se que ficassem para o castigo os anarquistas Augusto Spies, Fielden, Schwab, Neeve, Fischer, Lingg e Engel. Parsons conseguira fugir, apresentando-se depois corajosamente no dia do processo, que foi uma monstruosidade. A lei em virtude da qual foram condenados foi feita *expressamente* para o caso: assim são todas as leis feitas contra os anarquistas, naturalmente para lhes provar a excelencia da lei... Tambem se teve todo o cuidado de não procurar quem arremessára a bomba, para não dar ao fáto um carater individual; um policia que o descobriu não pôde ter licença para o deter. Contou-o depois o mesmo policia, sendo certo que o autor do atentado ignorou todas estas ignominiosas manobras. A 11 de novembro de 1887, emfim, foram enforcados Parsons, Spies, Engel e Fischer tendo-se Lingg suicidado um dia antes e tendo sido a pena de Fielden e Schwab comutada em prisão perpetua. Neebe fora condenado a quinze annos de prisão. Em 1893, um homem integro, Altgeld, governador do Illinois, depois dum minucioso e dificil inquerito pessoal teve a prova absoluta da inocencia dos oito condenados; mandou pois dar a liberdade aos tres sobreviventes e nos "considerandos" que precediam o decreto de graça, proclamou a infamia dos juizes, dos jurados e das falsas testemunhas, compradas á força de dinheiro e demonstrou ainda que o veredicto, dantemão elaborado, fora pronunciado por ordem. Eis os fátos. A burguezia quiz ferir, mas o golpe vibrado voltou-se contra êla e foi profundo.

Todas as idéas são regadas de sangue, e o sangue é um excelente ádubo para as abundantes e gloriosas colheitas. Germinal! é o grito triunfante, o grito claro, o futuro vitoriado de cima de todos os patibulos. No proprio dia da execução das quatro vitimas, uma extraordinaria manifestação popular feita aos cadaveres dos enforcados foi o sinal de que a vingança da lei dera o resultado oposto»... E esse tragico acontecimento, o maior exemplo civico destes ultimos annos, a Gréve Geral de Chicago de 1885, foi que deu origem ao *primeiro de maio* que só pode incarnar o pensamento daquêles heróes magnificados por um idéal altissimo, que tiveram a suprema coragem de organisar um movimento de forças operarias internacionais contra o Capital cada vez mais rapace e cada vez mais insaciavel. A semente foi lançada e éla fecundará a Terra...

—

Não poderiamos nós, portanto, sem esquecer a nossa missão, deixar de aplaudir a festa do 1º de Maio, sob pretexto de que as idéas que a fizeram nascer não correspondem precisamente ás nossas aspiraçõis. Basta reconhecermos que é neste dia que o proletariado se ergue diante do mundo atual para fazer o seu protesto contra o capitalismo. Antes de tudo, porém, exigimos que o homem do trabalho não se deixe iludir, porque no meio dos sincéros costuma aparecer uma turba de exploradores. Estes se mostram, cedendo a uma convenção, muito amigos do operario no dia do entusiasmo, com o unico objetivo de arranjar votos, para no dia seguinte voltar a ser o que era—os mais vassalos da ordem dominante. Queremos que o 1º de Maio não fique reduzido a uma simples festa de moda, com muita musica, com muito entusiasmo éfemero, com muito discurso em labios que falam de... ventre cheio.

—

Si os operarios, os unicos fatores da riqueza, têm conciencia do seu papel e sentem a enormidade da sua desgraça na organisação social que ai perdura, que não se deixem embair os operarios e sejam fortes para uma ação energica e segura contra a iniquidade, lembrando-se daquéla frase verdadeira: a emancipação dos trabalhadores será obra dos proprios trabalhadores. Nada de contemporanisar com a miseria que vai devorando todas as energias humanas. Nada de esperar solução do problema social por meio de leis retormadoras. Nada de pensar num acordo entre o capital explorador e o trabalho expoliado. Convençam-se de uma vez para sempre que não ha absolutamente possibilidade de conciliação com o mundo vingente. Nada de ouvir os charlatãis quando nos falam de reformas politicas e outras socialérias. Todas as reformas que vierem dêles ha de trazer-lhes a marca secular. E é com tudo isso que êles pretendem adiar o advento da justiça absoluta.

—

Si somos tambem internacionalistas hoje, devemos sel-o sempre, isto é, todos os dias, em toda a parte, sem subterfugios e sem receios, diante de todos os tiranos e enfrentando com todos os hipocritas. E si somos internacionalistas, é claro, é consequente que para nós não ha patria, nem preconceitos de raças ou de clases e que por isso mesmo devemos estar sempre desconfiados e prevenidos contra os prejuizos e maquinaçõis da burguezia. Com taes preconceitos, o mundo vingente não faz mais do que distrair-nos da grande causa.

—

O *primeiro de maio* não é, portanto, um dia de festa onde os trabalhadores celebrarão a Internacional com cantos, danças, banquetes, conferencias, alegrias, pedidos ao patrão e suplicas ao parlamento. Não são as alegrias ruidósas de um momento que passa, os cantos entusiasticos, as mascaradas ridiculas, que afirmarão a fraternidade universal entre os trabalhadores, nem tão pouco os pedidos dirigidos ao Rei Ventre e as mensagens verbosas enviadas ao idolo Parlamentarismo que trarão as legitimas reivindicaçõis sociais ao proletariado do mundo inteiro. Todos os esforços empregados neste sentido caírão fatalmente... na cesta das coisas inuteis: esses pedidos têm a mesma importancia que as suplicas mudas das mansas ovelhas que jamais impediram que os lobos crueis as devorassem impiedosamente.

O 1º de Maio realisado como uma manifestação pacifica, como uma simples festa, por mais béla e por mais grandiosa que seja, ainda porque na sua inconciencia e na sua incoerencia ha operarios (os corronpidos pelo virus socialista) que pensam que o capital não deve ser destruido mas sim socialisado, não trará em tempo algum a eliminação das classes parasitarias. "O imenso oceano, diz muito bem Louis Lumet, não é perigoso sinão ao viajante; aquêle que olha da terra firme não o teme, embora seja magestoso e pacifico, embora seja agitado pelas tempestades: porque nenhuma memoria se recorda que êle tivesse jamais ultrapassado os limites das gréves ou dos penhascos. Nós somos o oceano, e desde os seculos dos seculos, somos contidos por leis, por mentiras, cercádas por altos diques, e os que nos governam e nos exploram hoje, pensam que estão tão fortemente solidos, tão resistentes, que nós não poderemos destruil-os. Detraz do seu exercito, sua policia e seus tribunais, êles estão ao abrigo de nossos frageis furores, êles riem dos nossos cortejos grandiosos e dos nossos palidos ensaios de revolta como um bélo ocaso de sol sobre a inumeravel palpitação das vagas..." Que o primeiro de maio seja a proclamação de uma éra que ha de vir, de uma vitoria que havemos de conquistar, de um triunfo que será definitivo. Ergamo-nos, portanto, consciencìosamente contra os que nos exploram apoiados na força e seja o nosso primeiro cuidado bater sem tréguas a instituição ignominiosa em que o Estado funda a sua existencia—o poder militar. O primeiro de maio tem, pois, para nós esta alta significação: avisar-nos do nosso dever. Emquanto os especuladores da politica procuram lisonjear o proletariado com grandes palavras ôcas e mentirosas, nós iremos nutrindo a nossa energia organica, confiantes no final triunfo que não póde andar longe.

Mas sobretudo uma coisa é necessaria lembrar neste dia. No mundo, nada se faz sem movimento. Uma força não se manifesta sinão por seus efeitos. Si o proletariado tem conciencia de sua força—que fique altivo sempre, erecto em presença do tempo, a afirmar—pela violencia mesmo—os seus idéaes. E energico, imperioso, insubmisso, indomavel e sobretudo incorruptivel—é que êle ha de vencer. E' a gréve que triunfará—porque é a força contra a força. E' assim que havemos de contrapôr a todas as manobras do capitalismo insaciavel esta energia que é a nossa virtude, esta confiança no destino que é a nossa força.

—

Pois bem: eu desejo que este grande primeiro de maio, simbolo da eterna renacença dos germens fecundantes, seja um dia de alarma e de espanto. Imaginai si o Sol deixasse de iluminar a terra! Imaginai o que sucederia no mundo no dia que não mais pudesse continuar a fortuna previlegiada dos dominantes! E julgareis talvez que isso é impossivel ou muito dificil. Pois bem: eu vos digo que isso é o que ha de mais natural no mundo. Isso só depende dos vossos coraçõis. No dia em que tiverdes nos vossos coraçõis, por toda a terra, o sentimento da vossa causa—tudo podereis. Pensai por um momento no vosso immenso poder contra a injustiça e sentireis como está nas vossas mãos o destino de toda esta monstruosa sociedade que vos condena e vos esmaga. Basta que imagineis o que seria desta sociedade que, como um mundo, pésa toda sobre os vossos hombros de Atlante, si—por espaço de alguns dias—vós abandonasseis as oficinas, os ateliers, as fabricas, os campos, as minas; si negasseis o vosso braço poderoso ao trabalho que sustenta

todas as opulencias da terra! Cessai vosso trabalho! Essa paralisação total das forças produtoras teria o mesmo efeito de um cataclismo geologico. Toda vida vem do trabalho. Cessai de arrancar da materia bruta a vida dos homens! E vereis que agonia de morte pesará sobre o mundo.

—

Então, ó burguezes descaroaveis, pensais vós que o canto de liberdade total que entoaram aquêles peitos cheios de fogo sagrado do entusiasmo varonil e abrasados pelas flamulas rubras da revolução, coraçõis puros como o de Pállas, não será o hino libertador que entoarão os Homens quando em caminho para a Cidade Feliz?

Então, ó parasitas sociais, pensais vós que o clarão que fulgurou naquêle firmamento cheio de horror lugubre não será o prenuncio da grande aurora, que, num dia limpido e puro, brilhará sobre a Terra livre, aurora que será o eterno Sol da Justiça e da Razão absolutas.

Então, ó exploradores, pensais vós que aquêles ventos semeados por mãos generosas não formarão a tempestade que ha de desabar sobre vossas cabeças, destruir vossos palacios, vossos tesouros, vossos poderes, vossos previlegios, cuja bonança será a luz dos tempos melhores iluminando as vossas frontes?

Então, ó socialistas, máos pastôres, eternos aliados do barão Ghetto, pensais vós que o sangue que batisou aquéla primavéra, floréal maravilhoso de sentimentos e de revoltas sagradas, como o sangue de Thraséas oferecido em libação a Jupiter, o Libertador, como o sangue do veridico Camille Desmoulins, a mais bèla alma de toda a Revolução Franceza, como o sangue de Hartmann, Risakoff, Sophie Perowskaia, Caserio, Lubén, tão puros como o sangue das rosas rubras, arquetipos soberbos que souberam afirmar com o ferro magnanimo de Harmodios o direito inprescriptivel da razão contra o parasitismo, o obscurantismo e o despotismo, não fecundará a terra, não inpregnará as sementeiras futuras, as colheitas fraternais, donde nascerá o Justo, o unico despota dos tempos melhores?

Erro funesto!

Floréal, 111.

Elysio de Carvalho

A guerra, além da espantosa dôr humana, tem outras consequencias. Não somente faz viuvas e orfãos como tambem miseraveis. A paz armada produz a miseria moral e material que sofre nossa rudimentar civilisação. O militarismo é a chaga purulenta das sociedades modernas; é o prolongamento do estado de selvagismo, é a reprodução exáta — com a agravante terrivel de uma sabia organisação — da grosseira barbaria dos povos primitivos.

Charles Richet.

NÓS E O JORNALISMO

Desviado do seu verdadeiro papel, que é o de educar e ilustrar, o jornalismo como o teatro e tantas outras manifestaçõis da arte e do saber humanos, ao cair presa de impudicos mercenarios, foi convertido em simples balcão de taberna e mostrador de lupanar.

As famosas centelhas que Balzac arremeçára um dia contra este mercantilismo vil, talvez nunca encontrassem, como hoje, tão formidavel justificação. Porque na época em que o Poeta escreveu: «o jornal, em vez de ser um sacerdocio, acabou por se tornar um meio que os partidos exploram; como meio é um comercio, e como todo o comercio, não tem fé nem lei»; na época, diziamos, em que o profundo autor de *Illusions perdues* deixou cair da penna estas palavras, é de crer que o jornalismo, a imprensa, ainda não tivesse alcançado a eminencia de corrução em que hoje se encontra.

Numa palavra: — e com que pese aos senhores democratas — o estudo destes dois grandes esteios da democracia: o parlamentarismo e a imprensa, já saiu ha muito dos dominios da critica para entrar no da criminologia pura. Num interessante e recente estudo intitulado *Uma nova fórma de banditismo* (que é o jornalismo) publicado numa importante revista italiana, demonstrou e provou com a mais exigente eloquencia o sr. Alfredo Nicefero que: «La civiltà borghese odierna — a tipo di frode — ha transformato l'omicida e il brigante (che fiorivano ieri in una civiltà a tipo de violenza) nel truffatore, e nel falsario, nel fabricante di *chantages*; e la penna del giornalista d'oggi é suvente la traduzione moderna del pugnale de ieri».

Deixando porém de lado a ação puramente criminal, no sentido juridico — aliás importante — que em todos os paizes caracteriza hoje o jornalismo, lancemos a vista um só momento sobre a abominavel e corrutora influencia que entre o povo está exercendo essa imprensa de *aluguer*, impudica rameira.

Que horror! Depois do pestilento *noticiario*, com que se disseminam as mais terriveis epidemias; com que se vitima, com que se assassina iniqua e impunemente, põe-se então este flagelo a estabelecer entre o povo, com sua defeza hoje de uma coisa e amanhã doutra muito oposta, a mais caótica balburdia e confusão, combatendo hoje o que hontem defendia, aplaudindo hoje o que hontem pateava. E o mais lamentavel em presença deste fáto, é que a perniciosidade desse flagelo moderno cresce á maneira que entre o povo aumenta a superstição pela imprensa, como atualmente acontece. Porque infelizmente, quando todos os que estudam e observam — que é sempre uma minoria — já estão fartos de saber que uma dada coisa é nociva e má, ainda a massa popular está na crença de que essa coisa já condenada é o que de melhor póde haver.

Isto é o que sucede com referencia á imprensa diaria; é ainda o mesmo com relação ao parlamentarismo (sufragio universal e muitas outras *chantages* com que os charlatãis da politica engasopam o pobre povo); é ainda exatamente o mesmo com respeito á justiça, ao direito, á patria, e a todas as mentirosas e traiçoeiras instituiçõis em que se assenta o atual regime burguez.

Mas, inferir-se-á do que fica dito que todo o jornalista está a pedir um carcere ou um manicomio? Absolutamente não! Se parodiarmos a velha sentença que a antiga Roma nos deixou: «os senadores são bons homens, mas o Senado é má besta», nós podemos dizer do jornalismo: «os jornalistas são bons homens, mas o jornalismo é a boceta de Pandora». E efetivamente assim é, porque a causa de todo o mal està no regime economico e politico atual, que fórça, sob pena de morrer de fome, um certo numero de homens ilustrados, inteligentes e pobres a vender as suas aptidõis mentais nas mesmas condiçõis em que o operario hade vender o seu trabalho manual: — aplicando-se exclusivamente áquilo que o burguez, o agiota, o interessado na fraude muito bem entender.

Em suma: nesse torpe regime do Roubo e da Autoridade — do qual o Estado é sinonimo — a que nós não podemos aderir, tudo está abalado, tudo ameaça baquear, ninguem se sente seguro. Por toda a parte só se ouvem gritos, agonias, dôres, revoltas desesperadas; por toda a parte a politica está convertida em mentira, traição e dolo; as religiõis são uma torpe especulação e exploração da ignorancia e boa fé do povo; por toda a parte todo o mundo detesta o presente, revolta-se contra si proprio, odeia-se. E, a despeito de — por toda a parte ainda — todos os escravos da penna, todos os jornalistas assalariados, entorpecidos ou lerpas não cessarem de apregoar as belezas do regime imperante, todos, intimamente, sentem que esse regime tão gabado não é mais nem menos do que o imperio da mais infame escravidão e da mais odiosa tirania que a humanidade jámais conheceu.

Ora, quando os descontentes, os revoltados contra o presente já não se limitam a um pequeno numero; quando é a massa da sociedade que se sente incompatibilisada com o seu regime, oprimida, ofendida pelo estado social em que vive, quando as sociedades finalmente chegam ás conclusõis que vimos de assinalar, — tendo como falso tudo quanto outróra acreditavam ser verdadeiro, — que é que surge?

— Uma unica coisa: o niilismo. E é neste estado moral que vivem ha mais de meio seculo as sociedades modernas.

Isto, porém, não póde prolongar-se; é preciso que as aspiraçõis se orientem e se harmonisem para que a atividade dos membros da sociedade se torne convergente; é preciso, enfim, chegar-se a um acordo. Já sabemos que todos são unanimes em condenar o presente, — mas como saír delle?

Eis o ponto de interrogação ante o qual tem de quebrar a cabeça muitos reformadores.

Nós, entretanto, pela parte que nos toca, vamos responder á questão:

Estando convencidos de uma vez por todas que a atual desordem social foi originada pelo choque havido entre as idéas antigas e as idéas modernas; certos de que esse choque e a terrivel luta que em consequencia se estabeleceu foram motivados pelo Estado, Religião, Autoridade — instituiçõis sistematicas, opostas á lei da evolução odiernamente descoberta e por todos sancionada:

— Nós pretendemos disseminar entre as massas populares, que atualmente se esfacelam na mais hedionda confusão, os principios de um sistema social que, baseado na lei da evolução, prescinde e ilimina todas as instituiçõis sistematicas, imutaveis e dogmaticas acima mencionadas e que, confórme a palavra grega *An archos*, que significa *ausencia de autoridade*, e na necesidade de dar um titulo, nm nome, ao sistema social que pretendemos, e unicamente por ser este o termo que melhor define o nosso pensamento, nós lhe chamamos ANARQUIA; estado social este que o celebre aforismo de Aristoteles: "Independencia de ação e convergencia de esforços", bem sintetisa.

Este regime social, que sancionaram todos os pensadores da nossa época, e que nós vimos de enunciar, encontra-se, porém, em oposição radical, absoluta, ao regime que hoje domina. E' um mundo em frente do outro: degladeiam-se, guerreiam-se, entredevoram-se. E a luta cifra-se nisto: o mundo velho ordena e o mundo novo recusa-se a obedecer. O mundo velho quer vingar-se, e o mundo novo defende-se. O mundo velho taxa de criminoso o mundo novo, condena-o em seus tribunais e quer assassinal-o, executal-o. O mundo novo compreendendo que o mundo velho é anacrónico e está idiota, procura subtrair-se aos seus golpes e tenta cural-o, educando-o, ilustrando-o.

Quaes os principais meios que usaremos para a nossa vitoria?

— A gréve!

Tendo adquirido a convicção de que a imprensa burgueza, essa de aluguer, essa do noticiario, constituiu-se um dos maiores baluartes na defesa do mundo velho: na defesa do crime (no nosso codigo, virtude no deles) na defesa da exploração capitalista e escravidão da humanidade, nós fundamos este jornal para popularisar os principios em que assenta a nossa concepção social e seguir uma moral oposta áquela que a corrutora e prostituida imprensa-comercio defende, atacando ao mesmo tempo, a Escravidão, a Violencia, a Opressão e a Mentira de que ela se fez porta-voz.

A humanidade está dividida em duas classes, em duas castas opostas: uma, comquanto descontente, defende todavia o presente, por estar ela colocada na posição de espoliadora e opressora; outra, ataca esse regime iniquo e tenta estabelecer um em que não possam existir oprimidos nem opressores. *A Gréve*, pois, vem por esta, contra aquela.

Por isso é que a nossa ação é: — *Gréve*! Grevé ao mundo velho; Gréve contra o Estado, a Religião, a Autoridade — que legalisam a escravidão da humanidade. Gréve contra a imprensa burgueza — não a comprando e fazendo-lhe o *boycott* — porque ela vende, corrompe, assassina a humanidade.

Gréve geral, pois, ao regime do Estado, da Escravidão e da Ladroeira!

— Tu, mundo velho, estás assente na Mentira e na Cobardia; e nós, o mundo novo, assentamo-nos na Verdade e no Heroismo.

Perceberam?

Pois estão difinidos os campos.

Móta Assunção.

Questão operaria?... Formulemos bem o problema. No fundo não ha tal questão obreira sinão uma questão humana. Só existem sobre a Terra duas classes de homens: os produtivos e os improdutivos, os que sustentam e engrandecem a Vida e os que só a destróem e detem. A questão está em apoiar os primeiros e combater os segundos.

J. Ruskin.

LEI INIQUA

Vivemos num país culto?...

E' o que me não parece. O brasileiro, ou seja por um natural e funesto relaxamento, ou por não ter ainda a conciencia exáta da sua missão historica geralmente descura tudo quanto escapa a estreita esféra das suas necessidades imediatas. As provas desta afirmativa são tantas e tão irrefutaveis, que cital-as seria trabalho superfluo. Encontra-se em tudo quanto respeita á nossa vida politica.

O poder executivo é entre nós mais livre na imposição da sua vontade autoritaria que o Tzar da Russia. Assás grande é a copia de abusos de que o Brasil tem dado mostras, a despeito de ser uma nação republicana, neste seculo em que a Suissa é o campo onde se concentram todas as idéas generosas e a Inglaterra o asilo inviolavel dos perseguidos de todo o mundo.

Ainda hontem, em fins do anno transáto, a Camara dos Deputados votou, ás escondidas, sorrateiramente como quem furta, uma lei que é o grito de retrogradação o mais funubre, o protesto mais obstinado, contra as tendencias de fraternidade humana. O projéto de lei n. 317 A, da Camara, regulando a expulsão dos estrangeiros, é tudo quanto os legisladores da Republica podiam conceber de mais extravagante e absurdo, neste começo de seculo.

Semelhante projéto, para honra nossa nunca devera, siquer, merecer as honras duma discussão no parlamento dum Estado democrata. De motivos não sei que justifique a aprovação duma lei cujo conteúdo assim dispõe:

Art. 2°. — São causas bastantes para a expulsão:

1ª a reincidencia em crime ou delito previsto em leis federais, depois de cumprida a sentença;

2ª a insuficiencia de recursos para prover a sua propria subsistencia;

3ª os interesses da alta politica, corcernindo á ordem e á segurança publicas.

O paragrafo 3° é como se vê duma redação elastica para facilmente ser ageitado ao bélo prazer da tirania governamental. Mas o que mais revolta é o segundo.

Pois, então, o estrangeiro acaso é um animal repelente que pelo simples fáto de não ter meios de subsistencia deva ser enxotado?...

Quanta falta de compreensão filosofica neste consternador juizo!... O procedimento dos nossos deputados faz lembrar o caso do *Fiel* de Guerra Junqueiro. Aqui como acolá se nota a mesma brutalidade interesseira do individuo que só vê o mundo através do seu estupido egoismo.

Chega a parecer loucura o procedimento inexplicavel da Camara, aprovando tão odiosa medida.

Si o elemento estrangeiro se torna perigoso e ameaçador da tranquilidade nacional muito mais nobre seria, nesta hipotese, fechar os portos a toda emigração. Nunca, porém, procurar com sofismas crassos preparar o terreno para abusos futuros.

Mas se nada vemos que aféte á estabilidade nacional, porque os srs. *edis* se deram tanta pressa em seguir o exemplo nefasto do parlamento argentino, copiando-lhe, quasi na integra, a lei de exceção, votada a 22 de novembro do anno findo!...

Realmente surpreende e consterna a falta de criterio dos *nossos representantes*. E o que sobremodo admira é que emquanto na Republica do Prata, que se achava a braços com uma fortissima *gréve*, a influencia do capitalismo não teve o poder de sufocar a conciencia dos direitos do homem e levantou-se uma grande oposição; entre nós, que vivemos numa perfeita harmonia com as colonias estrangeiras e do concurso das quais não podemos prescindir, nem uma voz autorisada se opoz a tão grande absurdo, em nome da Razão e da Verdade.

Por isso, agora que se preparam todos os senadores para reassumirem os seus postos, julgo oportuno lançar o meu protesto, embora isolado, contra essa monstruosidade que se nos pretende impingir. O senado, se não quer baixar ao calão das corporaçõis servis, deve rejeitar a malsinada lei. Fortalecel-a com o seu voto seria cometer um crime de lesa-humanidade.

Ninguem se iluda sobre as consequencias duma lei tão exporadica. Si hoje éla se desfarça sob o receio do anarquismo, amanhã revistirá as suas verdadeiras fórmas e será um instrumento de prepotencia nas mãos dos depositarios da força.

Não é justo opor diques á fraternidade humana. O operario estrangeiro deve ser considerado como um irmão que vem conosco colaborar na obra da civilisação. Esta é que é a verdade, tudo quanto ferir a esta grande concepção, reduz-se a extravagante carrancismo. Pois já não é licito considerar o mundo sinão como a patria da humanidade.

Torna-se preciso quebrar duma vez por todas a cadeia dos preconceitos retrogrados. Mas quando mesmo se alimente ainda uma certa prevenção contra os filhos doutros paizes, não se deve tratar de afligil-os com perseguiçõis revoltantes. Para seu grande tormento basta que êles sofram as tristes consequencias duma vida errante e aventurosa como se fossem a encarnação do mito horroroso de Ashaverus.

Pausilippo da Fonseca.

Operarios brasileiros:

Iniciai um movimento de protesto contra a lei draconiana, tão vexatoria quão deshumana, com seus efeitos retroativos e inquisitoriais, que vai ser agora discutida no Senado. Mostrai á burguezia a vossa solidariedade com todos os espoliados pelo Capital.

Mostrai ao mundo inteiro que sois dignos da Liberdade. Mostrai que sois pela Justiça e pela Humanidade. Protestai contra a lei infame.

O SINDICATO DA VIOLENCIA

Abyssus abyssum invocat.

Os ultimos acontecimentos politicos revélam o proposito dos governos organisarem uma especie de sindicato da violencia, á semelhança dos *trusts* americanos, contra este poderosissimo movimento ascendente que, desde os remotissimos tempos da sua origem, vem destruindo tudo o que não está de acôrdo com as leis absolutas do Viver Integral.

Toda a ação organisada pelas classes dirigentes, com os aplausos da coalição implacavel da plutocracia abominavel e da burguezia criminosa, com o unico objetivo de estirpar do organismo social esse fénomeno que é da essencia mesmo da Vida concréta, é o ritimo da sua estrutúra psiquica intima, cáe fatalmente no dominio da estérilidade pratica. A humanidade, arrastada pleo fatalismo da eterna evolução dos mundos, dos homens e das coisas, ha de chegar á finalidade da Anarquia.

Ha na historia revolucionaria contemporanea, para não ir mais longe, um exemplo significativo que é uma demonstração cabal da impotencia da lei, do codigo, da prisão e do patibulo para sufocar uma idéa, uma ação, um movimento que procura materialisar um concepção qualquer. A descaroavel politica internacional, que pensa que as grandes conquistas humanas se abatem ante os seus gestos safados dissolvera a *Associação Internacional dos Trabalhadores*, não conseguira, porem, que deixasse de existir uma federação de trabalhadores, constituida agora naturalmente, mais perfeitamente legitima, que se desenvolve mais solidaria e mais poderosa. Ela proíbe a Internacional, como diz Elisée Reclus, mas o que não pode proíbir, é o acôrdo natural, expontaneo e sincéro de todos os trabalhadores que pensam, é o sentimento indestructivel de solidariedade que os une cada vez mais, é sua aliança sempre mais intima contra os parasitas de diversas naçõis e diversas classes. Este fáto positivo é mesmo uma ironia, uma lição sabia, em face do grotesco dos ministros, legisladores e magistrados, vitimas das suas proprias leis. Eles, estes homens obsecados pela superfluidade, são tão loucos, como aquêle pobre doido que ordenou ao oceano de recuar...

—

A nota mais importante da repressão exercida pelos governantes, nestes ultimos dias, vem da Argentina, onde impéra agora um poltrão sanguinario como o tzar mongól, chacal aterrorisado ao serviço do Santo Sinodo. Nicolau, o joven monstro que tem a nervóse do sangue, não está só nesta cruzada infernal contra todas aqueles que se revoltam contra a miseravel organisação social presente: êle tem na pessôa de Julio Rocca um dos seus mais fervorósos sectarios.

O sicario da republica do Plata, que tem a estulta pretenção de ser a mais livre das republicas americanas, como mostram os estribilhos do seu hino

Oid mortales, el grito sagrado
Libertad, libertad, libertad.

quando da ultima gréve geral que nasceu com grande impeto, produto expontaneo do proletariado argentino, querendo suplantal-a, ordenou aos seus lacaios do poder legislativo que lhes déssem uma lei draconiana e o estado de sitio. O parlamento, ignobil espelunca onde conciencias despudoradas retalham a dignidade, a honra, a moralidade, em troca de tudo que vier aumentar a sua fortuna material, dentro de poucas horas, cumpriu a ordem impósta, decretando a suspensão de todas as garantias constitucionais e a lei de residencia, lei célerada, que foi classificada de lei infame. O poder executivo armado com estes dois instrumentos contra a liberdade individual, sancionados apezar dos vótos contrarios de politicos honestos como os senadores Mantilla e Figuerôa e do protesto juridico de Emilio Gouchon, Roldan, Calés e Lacasa, sem demora procurou dar expansão ao seu furor vandalico. Não é preciso dizer que a atitude dos socialistas parlamentares, contra a espectativa geral, foi, como sempre, simplesmente asquerosa. A lei de exceção, a lei infame, que é um hediondo atentado a civilisação, estabelece em seus principios fundamentais que o governo, independente de qualquer formalidade juridica, pode expulsar do país "todos os estrangeiros cuja conduta comprometa a segurança nacional ou perturbe a ordem publica." E' facil imaginar a conduta do governo célerado, sendo que os anarquistas, para quem especialmente foi forjado aquele decreto, foram as vitimas escolhidas: a policia efetuou inuméras prisõis, farejou domicilios, realisou uma campanha implacável, expulsou a um grande numero dos nossos camaradas que mais ativamente se dedicavam á propaganda, etc.

Não ficou ai a ira governamental. O general poltrão, furioso, apezar de toda aquela campanha miseravel e odiosa, que obrigou a abandonarem o sólo argentino para mais de trezentos trabalhadores concientes, dedicados á causa libertadora, arrancados ás suas familias, que ficaram em precárias situaçõis materiais, com o insucesso da cruzada, porque o seu unico intento era destruir o movimento anarquista, não demorou em tentar nova maquinação. E, como não faltam na sociedade atual criaturas que se prestem aos mais degradantes papeis, o governo encontrou logo na pessoa de um italiano, um agente capaz de pôr em pratica o novo plano. A burguezia, com a sua policia miseravel e a sua imprensa sujissima, móve uma guerra de calunias torpissimas ao anarquismo que segundo ela, não passa de uma associação internacional secréta, composta de bandidos e assassinos, que tem por missão... *matar reis*, tudo isto com o unico objetivo de tornal-o odioso aos olhos das massas ignorantes. O governo desta forma tem grandes recursos para justificar todas as brutais perseguiçõis movidas contra todos os libertarios. "Tomando como pretexto, diz um importante manifesto publicado pelos camaradas de Montivideo, certos atos individuais (na historia dos tempos e das vicissitudes humanas, consequencia logica do estado economico, social e psicologico dos seus autores) executados por anarquistas ou não anarquistas, em momentos de exasperação e depois duma sucessão ininterrupta de injustiças e de iniquidades, propalaram-se as mais sensacionais noticias de... *complots*

fantasticos, de conjuras, de favas pretas e brancas... de bombas, punhais, revolveres com o correspondente desfile de anarquistas perigosos que vão e vêm misteriosamente duma para outra parte do mundo em busca deste ou daquele monarca ou de todos os monarcas juntos. De tudo isto, detençõis, encarceramentos, perseguiçõis, expulsõis, processos, espias aos calcanhares, pactos internacionais e novas leis de repressão." O *valiente* Rocca, com esta historia, fantastica como uma legenda de Pedro Botelho, tinha resolvido o *negocio*, que, seja dito de passagem, é um atestado da inépcia de... um general. Sabendo que em Montevidéo existiam refugiados muitos camaradas, fez para lá dirigir um tal Domingos Pupilli, italiano, que procurou imediatamente relacionar-se com os anarquistas e principalmente com os expulsos pela policia argentina, despertando este fato suspeitas, confirmadas logo por cartas vindas de Buenos Ayres. Pupilli dias depois, dirige-se com fingidas precauçõis a dois anarquistas conhecidos e diz lhes que, indignado com o procedimento do governo argentino, resolvera praticar um ato de vingança: faria, por exemplo, saltar um dos paquetes que transportára os anarquistas estrangeiros vitimas da lei de residencia, mas para isto, uma só coisa lhes pedia: dinamite. Os dois camaradas, já prevenidos, prometeram auxilial-o na sua empreza, fazendo Pupilli, sob um pretesto qualquer, ir á casa de um outro companheiro, onde o espia encontrou em logar da dinamite pedida uma outra bomba bem perigosa: a maquina fotografica que posta em cena, poz o desgraçado numa confusão medonha, que acabou por assinar uma declaração onde confessava estar encarregado pelos ministros da Marinha e da Guerra, autorisados pelo presidente Rocca, de espiar e dizer o que faziam os anarquistas refugiados, etc. Era este o intento do governo: pedido de extradição dos refugiados, novas perseguiçõis sem conta, prisõis, encarceramentos, em que tomariam parte os dois governos amigos, com os aplausos habituais da descaroavel burguezia e da imprensa mercenaria... O governo barbaro e brutal, cretino e ignorante, o tirano argentino, indignado, furioso com o insucesso do seu segundo trama, revelado a todos, mandou em represalia os seus caciques assaltarem as tipografias de *L'Avvenire* e *La Protesta Humana*, os dois válentes periodicos libertarios, encarcerarem o nosso distinto camarada Alberto Ghiraldo, tão soberbo poeta como notavel sociologo, diretor da revista *El Sol*, prisão que levantou protestos até da propria imprensa burgueza, e deportarem os companheiros Baldomero Ripol, Dante Garfagnini, Ristori, Zino e Basterra, pertencentes á ligas de resistencia, á associaçõis obreiras, etc.

Eis ai o que se passou nesta republiqueta sulamericana, onde reina o despotismo o mais barbaro contra todos aqueles que, proclamando a liberdade humana, combatem energicamente, apoiado na ciencia positiva, a péssima organisação social presente, que será substituida por uma nova vida social onde todos os homens possam desenvolver todas as suas faculdades creadoras e satisfazer todas as suas necessidades instintuais. Eis ai a ordem que reina na Varsovia platina, vélada por uma atmosfera de stepe densa, gelada, hirta, cortante, mortuaria, sem vida, cuja constituição, que era uma das mais liberais e que tanto sangue custou aos heróes de 1816, não passa agora de um farrapo imundo.

—

Está desfeita esta ilusão amarga que considerava os paises americanos, até ha pouco tempo campo da corrução monarquica como verdadeiras democracias modelos, onde os individuos gozavam uma larga liberdade politica. Esta crença mentirosa só têm ainda aqueles que se iludem com o liberalismo das naçõis e que acreditam na utilidade dos governos. A liberdade individual, hoje, como em todos os tempos, jamais existiu na monarquia como na republica e como não existirá em nenhuma formula de governo. A liberdade é uma ilusão, é uma mentira, é uma burla: o importante é cada individuo conquistar o seu direito imprescretivel á vida e afirmal-o despoticamente com todas as forças organicas do ser: a liberdade virá depois...

—

Todos estes fátos revoltantes praticados por um verdugo vil, que não deixam de ser oriundos de uma existencia corompida pela caserna, nos levam a graves consideraçõis. A perseguição organizada na Argentina contra todos os adeptos do anarquismo não é uma simples manifestação da vida politica desse país. Tudo nos revéla a existencia de um acôrdo internacional entre todos os tiranos, que parecem viver apavorados dentro dos seus palacios, para aniquilar os individuos que repudiam todas as especies de autocracias e combatem a ordem vingente das coisas.

Os chefes de estado, depois do fracásso das conferencias internacionais com o fim de riscarem o anarquista do *jus gentium* tratam, não resta duvida, de destruir o movimento revolucionario que cada vez mais se desenvolve. A perseguição sem tréguas ao anarquismo generalisa-se: a Italia, França, Suissa, Portugal, Argentina, Austria e muitos outros paizes empreenderam sistematicamente uma campanha contra ele. O Brasil tambem toma desde já as suas medidas: a Camara dos Deputados votou uma lei de residencia que é *ipsis verbis* a lei célerada promulgada na republica do Plata.

A historia mostra-nos que, todos os artificios concebidos para sufocarem os movimentos de reação, são insuficientes, porque estes sempre ficam firmes, indomaveis, indestructiveis. Não se ignora atualmente que contra a violencia empregada pelo poder dominante surge sempre logicamente outra violencia: esta, porem, é sempre a força que redime e que crêa. E a violencia que oprime é, ás vezes, mais prejudicial áquele que a emprega do que mesmo a ação da revolta.

O governo argentino, atacado agora de loucura da repressão, por exemplo, decretando essa lei infame de residencia, não destruirá o movimento anarquista fortemente enraizado nesse país, que, ao contrario, pela força das circumstancias, se tornará mais forte e mais indomavel.

Não é novo o que fez a Argentina: a França forjou, decretou e aplicou essa draconiana legislação conhecida pelo nome de *lois scélerats*, a Italia estabeleceu o regime odioso do *domicilio coatto* e a Espanha ressuscitou os *santos oficios* da Inquisição, tudo isto inutilmente, porque até hoje não conseguiram o resultado desejado. A Russia mesmo

> vituperio delle gente,

onde reina o negro terror asiatico alimentado pelo autocrata mongolico, que todos os annos envia para as masmorras da Siberia milhares de pessoas, jamais conseguio, como não poude impedir o assassinato de Alexandre II, sufocar o grande movimento revolucionario que a mina.

Si os meios concebidos pela imaginação mefistofélica dos tiranos podessem abafar as rebeliõis surgidas em todos os tempos, estes quatro Estados, muito logicamente, teriam impedido os sucessos tragicos que os têm enlutado.

Constáta-se tambem que os atos qualificados de delitos, os crimes politicos, os *magnicidios*, se multiplicam na razão diréta da opressão exercida pelos governos e pelos codigos. A sociedade ainda, tal como está organisada, um absurdo mantido pela força, é a origem unica de todo ato violento praticado pelo individuo.

Foram mesmo a França, a Italia e a Espanha, os paizes mais crueis na repressão da propaganda anarquista, sendo ainda os primeiros que decretaram leis céleradas contra os seus adéptos, os primeiros tambem que viram seus chefes supremos imolados.

Casério, não teria num gésto violento mas bélo e estético, com o ferro reparador de Harmodios, abatido o presidente da republica franceza, responsavel diréto de um atentado contra a liberdade do ser humano, si não fosse a lei de 12 de dezembro de 1893. Foi ainda essa lei franceza que provocou os atentados imediatos realizados por Vaillant e Emile Henry: o primeiro, lançando uma bomba na Camara dos Deputados, procurou destruir o idolo parlamentarismo, e o segundo, exasperado pelas perseguiçõis suscitadas pelo ato de Vaillant, dinamitando o café Terminus, queria castigar a multidão céga que vóta, saúda e aplaude aos carrascos, aos verdugos, aos eunúcos da lei. Eles no emtanto, que não mataram ninguem, iniquamente, injustamente, foram guilhotinados, porque o codigo francez réza que sómente *qui tue sera tué*. O magnanimo Angiolilo, cujo atentado lembra uma sentença do Justo, não teria eliminado o monstro Canovas si não fossem as tórturas horriveis aplicadas aos martires de Montijuich, Xerez, etc. Bresci, por fim, heróe magnificado por um ideal sublime, não teria destruido a existencia do primeiro representante da casa de Saboya, si não fossem os massacres de Milão e as perseguiçõis promovidas pela lei do *domicilio coatto*.

Todas as leis draconianas decrétadas contra o anarquismo por alguns paizes europeos jamáis deram os resultados desejados: têm conseguido apenas alimentar esse odio legitimo aos seus autores. Zenker observou muito bem: "E' preciso que o Estado e a Sociedade tenham bem claro: vigilancia nenhuma impedirá os atentados, nem sistema algum de policia internacional tolherá a difusão do anarquismo..." Goron, ex-chefe da segurança de Paris, compartilha a mesma opinião do abalisado criminalista italiano: «Não sou daqueles que acredita na eficacia da repressão sem piedade. As medidas de exeção, penso eu, nunca serviram para coisa alguma. Embora se fabriquem leis especiais e se mobilisem todos os comissarios de policia, a que resultado se chega? A uma absolvição geral como a do processo dos *trinta*.» E' esta a opinião de todos os homens sensatos.

Os governos julgam pensar destruir com uma lei célerada, uma liga de resistencia internacional de policia, uma doutrina filosofica, cujos martires, como disse alguem, têm a virtude dos heróes: amam a vida e morrem por éla. E' justo, pois, recordar as palavras viris pronunciadas por Spies, Engel e Fischer diante o tribunal que os condenou «Se é a Anarquia que se julga aqui, diz Spies, eu mesmo me condeno, porque sou anarquista. Creio como Buckle, como Paine, como Jefferson, como Emerson, como Spencer e muitos outros grandes pensadores do seculo, que o estado de castas e de classes, o estado que uma classe vive á custa do trabalho de outra—estado que chamais *ordem*—creio, digo, que seus furtos e seus assassinatos legais, está prestes a desaparecer, e dará em breve logar a uma sociedade livre, á associação voluntaria... Podeis, portanto, condenar-me, senhores juizes, para que ao menos se saiba que no Illinois oito homens foram condenados á morte por crêrem num bem-estar futuro, por não terem perdido a fé no ultimo triunfo da Liberdade e da Justiça.» Estas outras de Fischer são um atestado soberbo da pujante organisação moral do homem valoroso: «Protesto contra a pena de morte que me comunicais, porque nenhum delito cometi. Fui tratado como um assassino e só me provaram que sou um anarquista. Se devo, porem, ser enforcado por professar as ideas anarquistas, pelo meu amor á liberdade, á igualdade é a fraternidade, então nada tenho que objetar. Se a morte é a pena correspondente á nossa ardente paixão pela liberdade da especie humana, então, digo-o altamente, podeis dispôr da minha vida.» Engel pôz tambem nas suas palavras toda a grandeza do arquetipo: «...A nossa sociedade não existe ainda e não chegará a formar-se por eleiçõis nem por decretos. Assim, como tenho a certeza de que a execução do vosso veredicto ha de ser util para a propaganda das nossas idéas, não posso deixar de aplaudir com toda a minha alma a vossa sentença.» Como são ridiculos esses senhores que querem decretar leis contra o pensamento de uma multidão de homens que crêm que a *vida só pode manter se com a condição de se difuudir*, e, si, para èles, florescer é morrer, pouco importa: a seiva não deixará de fecundar a Terra...

A ação brutal do governo não aniquilará absolutamente a propaganda anarquista. A propaganda libertaria na Republica Argentina, sufócada pela prescrição e prisão dos seus mais dedicados adeptos, renascerá agora mais impetuosa, alimentada pelo entusiasmo de novos batalhadores. Os camaradas estrangeiros que não foram atingidos pela lei barbara e os nacionais que não podem ser deportados, agora mais decisivos, saberião certamenta preparar um movimento tão poderoso que possa vencer as forças reacionarias, movimento que deve encaminhar-se para a Revolução social que nascerá do sangue dos seus martires.

O governo da Suissa, o "modelo" das republicas tentou tambem, ha poucos mezes sufocar o movimento revolucionario internacional com esses mesmos processos, desistindo imediatamente do seu intento, em virtude da atitude energica dos companheiros que alimentavam a propaganda das idéas emancipadoras entre os operarios da velha Helvetia. Continúa aí, como continuará na Argentina, como se nada houvesse contra ela, a mesma propaganda que realisará o seu curso até chegar á Finalidade Suprema.

Estes fátos, demasiadamente significativos, são na verdade sabias liçõis que deviam muito aproveitar aos representantes da lei, que primam sempre pela habitual estupidez. Éles, imbecis, e ignorantes, cinicos e brutais, crêm que esta luta violenta travada entre o trabalho e o capital, entre os que produzem as riquezas sociais e os improdutivos de toda especie, entre os creadores da vida e os tarantulas da vida, será sufocada á força de *ukases* torpes, editos infames, decretos vergonhosos, leis céleradas; que o problema humano, em que estão empenhados todos os homens que não são superfluos, será resolvido com fuzilamentos, degredos, prisõis...

Não creiam, senhores do Poder, que as ondas volumósas deste oceano profundo, tumultuoso, escarpélado, que se fórma, não possam, como a fúria dos bravios ventos que assólam os campos em flôr dos pobres camponezes, destruir os diques levantados para obstarem a sua expansão: erro, Excelencias!

E, si já a tormenta não andasse a estrondar nas estancias da terra, diriamos que todos esses furores que urram, de um desespero feroz e desconhecido, eram as procélarias do tempo anunciando a Tempestade que vem...

—

E' nessessario, pois, depois desses acontecimentos, que vieram instruir-nos melhor sobre o futuro da nossa propaganda, tomarmos uma posição decisiva contra o inimigo que quer amedrontrar-nos, submeter-nos e destruir-nos. Torna-se urgente que todos os trabalhadores do mundo inteiro estendam ás mãos uns aos outros, por cima das fronteiras e dos oceanos, para, constituindo uma força grandiosa, combaterem a exploração do Capital e o despotismo do Estado.

E' isto, estamas certos, o que vai realisar-se. A conciencia da solidariedade mundial cada vez mais se mostra fortemente ativa. A pratica do apoio internacional, que provocará a gréve geral, é a tatica mais importante da revolução economica. Todas as manifestaçõis do movimento operario, nestes ultimos dias, poclamavam este pensamento, que praticado por todos os trabalhadores creara a Revolução Social.

A campanha heróica em favor das vitimas da *La Mano Negra* foi uma vitoria de apoio revolucionario dos trabalhadores de todas as naçõis, que pretendem, solildarios com os obreiros espanhois, fazer pelas operarios presos em Badajoz, La Linea, Cadiz e Barcelona, tambem vitimas do autoritarismo burguez, o que fizeram pelos de Xerez.

O proprio procedimento odioso da Republica Argentina levantou um protesto violento da parte de todos os trabalhadores internacionalistas que vêm na republica ladra, caloteira e desonesta uma nova Russia, onde o operario é tratado como bandido e farçario. Organisa-se agora, por toda parte onde ha trabalhadores concientes, um *boycottage* monstro contra esse desgraçado país, entregue ao despotismo de um tarinbeiro, que se arrependerá certamente da infamia praticada contra os produtores das riquezas sociais. Os trabalhadores de todas os portos do mundo resolveram: não carregar e descarregar os produtos de exportação e importacão argentina, iniciar propaganda contra a imigração operaria para essa região, revelar aos outros paizes a sua miseravel situação economica, etc. Esta medida entender-se á á todas as naçõis que, como a referida republica, atropelarem a liberdade do obreiro. Esta tentativa de *boycott* vai obtendo resultados magnificos: já vez, além de paralisar quasi o movimento do porto, quebrar varias casas comerciais e baixar os fundos publicos argentinos. O governo, vendo o terrivel perigo que ameaça ao seu país, inteiramente desacreditado no estrangeiro, cuja divida externa sobe a muitos milhõis de pesos, fez velhacamente circular a noticia da suspensão da lei de residencia, que não produziu nenhum efeito, porquanto ficou deliberado somente cessar a represalia quando ela for realmente abolida. Eis aqui quanto póde a ação operaria solidarisada que futuramente se tornará uma força invencivel.

Nunca se manifestou tão vigoroso, tão unido, tão bélo, o sentimento de solidariedade entre os trabalhadores, que será o mais poderoso entrave contra os atropelos, as iras, as tiranias, as brutalidades inqualificaveis praticadas pelas forças radicais organisadas. Os governantes dos outros paizes, com esse movimento de solidariedade internacional para protestar contra os atos vandalicos do presidente Rocca, saberão agora ser previdentes.

E' este o meio eficaz para o nosso triunfo: a resistencia. Constituiamos uma coletividade, um corpo, um organismo, uma humanidade unida, compacta, hemogenea, indestrutivel e conciente, para resistir aos poderes coaligados, sendo necessario simplesmente para isto que o individuo seja uma celula ativa conciente desse orgão. "Contra a injustiça organisada, diz o notavel sociologo espanhol Frederico Urales, não ha meio melhor que a rebeidia individual. Que cada revolucionario se fortaleça moral e intelectualmente e entrem todos em combate com esta sociedade perversa e todos em luta permanente sem esperar que os outros apareçam. Altiva a atitude, limpa a conciencia, forte o braço, bem temperado o animo, rico o cerebro, não ha poder que resista á ação individual dos revolucionarios. Que aqueles que caiam pensem na solidariedade internacional; que aqueles que se mantenham em pé não esqueçam o vencido nem aos seus seres queridos. E assim, fortes em tudo, que cada espirito rebelde tenha empenho em destruir mais do que seus companheiros, a obra que levantaram a propriedade e a autoridade para desgraça dos homens." A insurreição individual, quando não produz a revolução, vale como uma lição de energia. Opôr aos atos de reação outros atos de revolução é proprio do ser humano, forte na sua conciencia e no seu ideal, que não é um decadente, um surpefluo, um efemero, um cadaver. O mundo reclama novos gestos. Tomemos conciencia...

—

E' logico: ao sindicato da violencia brutal que escravisa, aniquila, mata, responde o sindicato da violencia creadora que liberta, fortalece, constróe: contra a força bestial, a força conciente que tudo póde. E' a força que vai agora decidir da vitoria. E veremos qual a vencedora.

Elysio de Carvalho.

Sociedades operarias:
Protestai em suas reuniõis contra a lei deshumana que vai ser discutida no Senado, porque ela é um instrumento ignominioso de opressão policial.

O CRISTIANISMO

Eu termino aqui e pronuncio meu julgamento. Eu CONDENO o cristianismo, levanto contra a Igreja cristã a mais terrivel acusação que jamais acusador tem pronunciado. Ela é a maior corrução que se possa imaginar, pois, teve a vontade da ultima corrução imaginavel. A Igreja cristã não poupou em parte alguma a sua corrução, éla fez de todo valor um não—valor, de cada verdade uma mentira, de cada integridade uma baixeza d'alma. Que ousem ainda me falar de seus beneficios "humanitarios". *Suprimir* uma miseria era contrario a seu mais profundo utilitarismo, éla viveu de miseria, *creou* miserias para eternisar-se... O vérme do pecado por exemplo: uma miseria com a qual a Igreja só enriqueceu a humanidade! A "igualdade das almas diante Deus", esta falsidade, este pretexto dos mais baixo *rancores*, este explosivo da idéa que acabou por tornar-se revolução, idéa moderna, principio de degenerescença de toda ordem social—é a dinamite *cristã*.. Os beneficios "humanitarios" do cristianismo! Fazer da *humanitas* uma contradição, uma arte de pólução, uma aversão, um desprezo de todos os instintos bons e direitos! Eis aqui os beneficios do cristianismo!—O parasitismo, unica pratica da Igreja, sugando, com seu ideal de anemia e de santidade, o sangue, o amor, a esperança da vida; o além, negação de toda realidade; a cruz, signo da reunião do rebanho para a conspiração a mais subterranea que já existiu—conspiração contra a saude, a beleza, a integridade, a bravura, o espirito, a *beleza* d'alma, *contra a propria vida*... Eu quero escrever em todos os muros esta acusação eterna contra o cristianismo, por toda parte onde houver muros; eu tenho letras que tornam videntes mesmo os cégos... Eu chamo o cristianismo a unica grande calamidade, a unica grande perversão interior, o unico grande instinto de odio que não encontrou meio assás venenoso, assás subterraneo e bem pequeno—eu chamo o unico e imortal aniquilamento da humanidade...

Frederico Nietzsche.

Odeio as leis, os deuses, as patrias, a autoridade, mas amo ao Homem e adoro a Vida.

Adolphe Retté.

CRONICA INTERNACIONAL

Continua na Holanda a agitação grévista para impedir a votação da lei que proibe as paredes nos caminhos de ferro e regula as gréves gerais. O governo, que mobilisou todas as forças, querendo mesmo declarar o estado de sitio, dada a gravidade de tal conflito, fez declarar que atenderia as reivindicaçõis do proletariado. Esse grandioso movimento contra o poder do governo, nascido com grandes impetos, tendo até o apoio dos operarios de muitos paizes europeos, é um dos maiores exemplos da solidariedade revolucionaria. A Federação Internacional dos Trabalhadores tomou todas as providencias para, quando declarar-se a greve geral, seja um fáto o *boycott* dos vapores e mais navegaçõis holandezas nos portos do mundo inteiro. Muitos soldados foram detidos pelas autoridades por declarar que, se rebentasse esse conflito ao terminar a discussão da lei contra a gréve geral, eles se negariam a disparar contra os operarios. A atitude do camarada Domela Nieuwenhuris, quando num comicio monstro declarando que os operarios nada têm que esperar dos governos, rasgou um exemplar das leis, foi vigorosamente aplaudida. Todos os trabalhadores que adériram á greve comprometeram-se lutar até o ultimo extremo pela liberdade da organisação operaria. E' esta a situação da Holanda que, si se declarar o conflito social, que a isóla do estrangeiro, não resistirá por muitos dias. A Holanda parece um Vulcão ameaçando um cataclismo. Esperamos o resultado dessa batalha para melhor relatar aos leitores.

✶

A miseria em que vive o povo italiano é reconhecida geralmente. A Italia ha muito que vai sustentando essa situação précaria que provocou os celebres conflitos de Milano, Cicilia, Lombarda, etc. Conta nos agora um telegrama de 21 do mez de abril que em Veneza, Emiliana, Havena e Campanha Romana aumenta consideravelmente a agitação entre os operarios sem trabalho, resolvendo o governo enviar tropas afim de reprimir o movimento. E' isto: ao povo que pede pão o governo responde com... bala!!

✶

Emma Goldman, a nossa distintissima camarada americana, foi convidada para realisar uma excursão de propaganda puramente anarquista, pelas principais cidades da Inglaterra.

✶

Os companheiros de Barcelona lançaram num *meeting* a idéa de que os pedreiros de Barcelona não aceitariam obra de carpintaaia sem o sêlo da sociedade de carpinteiro. E' uma aplicação do *label* que muitos serviços vira prestar ao movimento emancipador.

✶

Alguns periodicos operarios da Espanha iniciaram a propaganda do *boycott* contra a imprensa burgueza. Eis ai outra arma, mais perigosa, talvez, que o facão policial.

✶

O governo de Cuba anistiou a todos os operarios e jornalistas presos por ocasião da ultima gréve geral que se deu em Havana.

✶

O Congresso Socialista, reunido agora em Bordeaux, *censurando*, contra o voto de Jaurés, o seu aliado na politica socialista-burgueza, o ex-ministro Millerand votou uma moção excluindo-o do partido. Esta gente já vai pouco a pouco comprehendendo a *politica* desse homem que conseguiu iludir a boa fé dos seus correligionarios. O operariado francez, num movimento de dignidade, devia eliminar do seu seio este traidor dos seus principios, que é unicamente um elemento de corrução. Millerand, o decorado do tzar da Russia, do rei da Italia e do rei da Servia, *von* Millerand, não é mais uma entidade socialista, pois, o parlamentarismo acabou de corrompel-o. Assim, ha poucos dias, na Camara, votou: contra a separação da Igreja e do Estado, pelo orçamento dos cultos, pela conservação da embaixada no Vaticano, contra a entrada dos soldados nas Bolsas de Trabalho, pelas perseguiçõis contra os autores do *Novo Manual do Soldado*, publicação antimilitarista, etc. Eis aí os frutos da conquista dos poderes publicos pelos socialistas com o fim de resolverem... o problema social.

✶

A Federação Operaria Argentina publicou um importante manifesto dirigido ao povo, com o fim de definir posiçõis, expondo os seus principios e a influencia perniciosa dos socialistas no movimento operario. E' um formidavel libélo, logico e justo, lavrado contra os traidores da causa operaria que cada vez mais vão desmerecendo do favor publico. Ficou sobejamente demonstrado neste documento, que será transcrito integralmente no proximo numero, o seguinte: que não existe a entidade socialista nem como força nem como aspiração proletaria; que o movimento societario se desenvolve num terreno de luta puramente economica, donde está absolutamente proscrita toda a intervenção socialista no que se refere á aspiraçõis politicas, que a Gréve Geral é a unica arma de luta capaz de amedrontar os tiranos, de impor o respeito que se deve á classe trabalhadora e de arrancar previlegios á burguezia; que os socialistas criolos, dignos emulos daqueles que atraiçoaram, caluniaram e ultrajaram com risos sardonicos aos heróes barcelonezes, devem ser de uma vez por todas reconhecidos como inimigos da classe operaria. Eis aí verdades que devemos repetir sempre aos nossos camaradas. Abaixo os Iscariotas da classe operaria!

A. V.

O rico é um verdadeiro parasita que vive á custa do trabalho dos que nada possuem.

Laumann.

PALAVRAS DUM POLITICO

A politica é a arte de fazer amigos e aliados com o sacrificio da Verdade, da Justiça, da Republica, a habilidade repugnante de ostentar intimas relaçõis com o governo, o habito indecoroso de faltar ao ouvido aqui, prometer ali, intimidar acolá, combinar a ameaça com o charlatanismo além, e intrigar por toda a parte e sempre. Sob essa atmosféra que abáfa e atrofia, vive uma sociedade...

Não é, pois, admiravel que não ouça nem leia um povo separado em pequenos que estão famintos e em grandes que se fartam. O que é admiravel é que estes ordenem e aquèles obedeçam; estes tiranisem e aquèles se curvem; estes vivam e aviltem e aquèles se ajoelhem e morram! O que é surpreendente é que individuos famélicos se prostrem e gemam humilhados e vencidos pela miseria, diante de individuos satisfeitos que proclamam atrevidamente sua fartura!

O que é espantoso é que, em tal situação, continue mansa, pacifica, domesticada uma multidão inanída pelo imposto, depredada por bancos de estado caricatos, esmagada pela injustiça, poluída por uma administração sem rumo e sem ideal, quando o que é natural, o que é logico, o que se vê por toda parte é a fome e o arbitrio despertarem nas almas, a féra que dorme nas profundezas organicas de cada ser, e abrir-lhe a jaula em que a cultura moral, a educação civica e o direito a trazem aprisionada!

Entre nós, ao contrario, dir-se-ía que a necessidade que nos gruda os estomagos de fome, nos gruda tambem as almas de medo!

Fausto Cardoso.

LA MANO NEGRA

Não é tarde, porque éla tambem nos pertence, para festejarmos a ruidósa vitoria pacifica que acabam de obter os nossos camaradas espanhóis, triunfo que contribue para tornar mais significativo o sentimento de solidariedade humana.

Ainda nos chegam dos quatro cantos do globo os aplausos sinceros a esta campanha humanitaria iniciada nobremente pelos anarquistas da catolica Espanha, sempre dedicados á defeza e ao amparo dos perseguidos, dos condenados, dos vencidos pelo despotismo reinante. Estão restituidos á vida e á liberdade os condenados que ainda vivem daquele processo horroroso, chamado *La Mano Negra*, que tantos protestos arrancou aos homens justos deste tempo.

Tendo se dissolvido, em virtude das execuçõis de 1873, a Associação Internacional dos Trabalhadores na Espanha, onde a sua historia é a mais tragica e a mais sangrenta, éla continuou fazendo propaganda secretamente, que consistia na melhora da classe obreira, na união internacional dos trabalhadores e na revolução social.

O governo, em 1883, que assistia apavorado os rapidos progressos da Internacional, entre os operarios, tendo annos antes, 1877, por intermedio do ministro Sagasta, enviado uma circular aos governadores provinciais afim de a esmagar por todos os meios e uma nota diplomatica aos governadores estrangeiros para organisar uma cruzada européa, procurou novamente perseguir os seus membros mais ativos, encarregando dessa missão infame a dois dos seus caciques mais repelentes: o comandante Tomás Monforte e o capitão Oliver que, seja dito, se portaram na altura do seu papel miseravel.

Estes dois monstros, que só tinham de humano a fórma, émulos de Torquemada e precursôres de Pórtas, carrascos ignobeis, acharam imediatamente o meio eficaz e pronto para eliminar o Anunciador que vinha ensinando aos homens o caminho da Liberdade. Educados na caserna, segundo o método jesuitico, onde aprenderam a ciencia da tartuferia e a arte de matar, não havia certamente de encontrar dificuldades na empreza que o Inquisidor Mór lhes confiára.

A imaginação perversa, verdadeiro mecanismo inquisitorial, destes dois verdugos ao serviço da policia espanhola, useira e vezeira, como todas as outras, nesses processos indignos, imediatamente fantasiou a existencia de *La Mano Negra*, uma associação secreta de malfeitores creada unicamente para praticar o saque, o incendio e o assassinato.

A noticia, mandada espalhar pelas autoridades, encheu realmente de terror aos ingenuos burguezes, porque élas antecipadamente numa circular atribuiam aos membros da imaginaria *La Mano Negra* todos os roubos, os assassinatos, os incendios, os crimes que se cometeram naquêle tempo.

O governo exultou de contentamento e a lôrpa coalição burgueza, que é a mesma que aplaudia a Phelippe II, tanto que consente na existencia do castello maldito de Montjuich, bateu palmas.

Iniciaram-se varios processos, muitos trabalhadores foram detidos, houve inumeras perseguiçõis, cometeram-se os maiores horrôres, usaram do mesmo sistema que se pratica nos negros calabouços de Montjuich.

Todos os jornais anarquistas, muitos diarios espanhóis e os maiores jornais europeos, publicaram minuciosamente a historia tragica do que se passou naquêle anno, um dos mais vergonhósos do seculo, na provincia de Andaluzia, com alguns trabalhadores que tiveram a infelicidade de cair nas mãos do chefe da guarda rural de Xerez.

Fica cheio de um pavôr indescretivel quem ler as narraçõis das vitimas sobreviventes, que não ha mais horrorósas na historia da Inquisição, que tem em Portas, Marzos, Monforte, os seus dignos representantes.

Concluido o processo monstruoso que afirmava a *existencia* da *Mano Negra*, segundo as *declaraçõis* que faziam os seus *afeliadas* gotejando sangue, assinadas em branco sob a promessa de que cessaria a tortura a que eram submetidos, o seu resultado foi o seguinte: nove homens garrotados e onze condenados á prisão perpetua, dos quais oito existiam vivos.

Os nossos camaradas do periodico madrileno *Tierra y Libertad*, dirigido por Federico Urales, filosofo profundo, iniciaram, ha mezes, uma campanha com o fim de obter a liberdade desses companheiros, movimento humanitario que teve (excéto, como lembra um camarada, os socialistas parlamentares que só se movem quando no trabalho vêm a probabilidade de arranjar vótos ou dinheiro), dentro e fóra do paiz, a adesão de todos os homens de coração.

Na Espanha, nas cidades de Xerez, La Linea, Cadiz, Cordoba e Madrid celebraram-se *meetings* que foram verdadeiras manifestaçõis populares. As sociedades operarias, as associaçõis cientificas, os grupos revolucionarios, votaram ordens do dia reclamando restituição á liberdade das desgraçadas vitimas do caciquismo espanhol.

Na Inglaterra, na França, na Italia, na Europa inteira, celebraram-se reuniõis publicas, conferencias, etc. em favor dos condenados. Os sindicatos, as Universidades Populares, as Bolsas de Trabalho, as associaçõis obreiras, protestaram energicamente contra a vilania que o governo espanhol cometia com os inocentes trabalhadores. A Sociedade dos Direitos do Homem de Paris, notabilidades como Anatole France, Clemençeau, Jaurés, Pressense, Seignobes, etc., que não são anarquistas, juntaram os seus protestos aos clamores de todos os operarios e de todos os intelectuais sincéros.

Si não fossem os supremos esfórços dos nossos camaradas Federico Urales e Soledad Gustavo, redatores de *Tierra y Libertad*, na Espanha, e de Marcial Lenglet, redator dos *Les Temps Nouveaux*, em França, que começaram a campanha nobilissima, levados simplesmente pelo seu amor aos humildes e aos escravos, desinterrando documentos, registrando o processo e instruindo todos os fátos, campanha que comoveu e indignou a todos os puros coraçõis, ainda hoje as vitimas de Monforte continuariam nos tenebrósos calabouços de Montjuich.

Foi, todo esse movimento formado espontaneamente para arrancar ás prezas do governo os oito desgraçados condenados inocentemente, que por fim, foram restituidos á vida livre, uma das mais bélas manifestaçõis de solidariedade.

Ficou mais uma vez demonstrado que a solidariedade revolucionaria internacional é um poderoso instrumento contra a tirania e a infamia governamentais. A solidariedade internacional tem já a sua obra: éla libertou Batachi em Italia, arrancou Dreyfus da Ilha do Diabo, abriu as portas das masmorras aos condenados de Montjuich em 1894 e 1897 e aos de Xerez em 1883 e 1894. A sua obra, porém, está muito longe de ser concluida: éla precisa ainda libertar os cativos dos governos da Russia, da Macedonia, da Italia, de todos os paizes onde se atropela a liberdade humana, cujas prisõis abarrotam de inocentes vitimas do furor despótico.

« Esta campanha, escreve um dos nossos camaradas, como a de Montjuich, deve merecer toda a nossa atenção pelas conclusõis a que se presta. O seu triunfo é uma vitoria da tatica anarquista. Se os chefes socialistas da Espanha, ou doutro pais, tivessem iniciado esta campanha a primeira coisa quo teriam dito ao povo é que este devia elegel-os deputados para pedirem ao governo a liberdade dos presos. Inutil será dizer que com esse procedimento propagado pelos que apenas pensam em tirar partido até da desgraça alheia, se teria perdido o tempo totalmente. O povo deve exigir tudo, sem intermediarios, de baixo para cima; pode mais, ante o governo, o gesto ameaçador da praça que a charlatanaria campanuda dos chefes socialistas no parlamento. Que vale a luta parlamentar, em que se deléga e confia, em que se abdica da iniciativa, perante a agitação viril que ensina e habitúa a massa a lutar e a exigir? Este rapido triunfo obtido pelos anarquistas de Espanha, deve reconfortar-nos; já não poderão os tiranos praticar injustiças impunemente. Sempre que queiram calcar um direito ou menoscabar a liberdade do povo, hão de pensar que em baixo está uma legião de trabalhadores concientes que ameaça e que véla por seus interesses. Agora, estão já em liberdade todos os condenados dos infames processos de *La Mano Negra*. Depois desta grande vitoria, sem sangue, permaneçam vivas as virilidades do povo disposto á luta com todos os seus perigos, que sem éla nada se obtem. »

Saudamos, pois, com afétuoso contentamento, a todos aquêles que, na Espanha e fóra déla, se empenharam volorosamente nessa campanha humanitaria em favor das vitimas de um crime governamental, vitoriosa pelo acordo revolucionario internacional, a maior alavanca, nos nossos dias, contra a ira dos tiranos e dos caciques.

E. de C.

MOVIMENTO SOCIAL

Declararam se em gréve, no dia 24 do mez passado, os operarios da fabrica de calçados Antonio Silva desta capital. O motivo da gréve foi o não lhes ter sido aceito o justo pedido de aumento de uma insignificante quantia na sua tabéla organisada pela União Auxiliadora dos Artistas Sapateiros. E' realmente incrivel que por causa de uma *miseria* o proprietario da fabrica de calçados da rua do Hospicio não deferise a petição dos seus operarios cujo salario, como todos os salarios, mal dá para comprar o pão. Esta burguezia faminta, que pensa ser éla a unica com direito aos gósos da terra e que o operario é uma simples maquina de produção material, não quer compenetrar-se de que deve respeitar o proletariado. Ela, ignorante e avára, que finge não aperceber-se do perigo iminente, julga que este dispotismo do Capital tem existencia eterna. Só no proximo numero poderemos dar aos nossos leitores informaçõis mais complétas.

A. V.

Trabalhadores brasileiros:
Protestai contra o atentado que tal lei permite contra o direito de agir, pensar e sentir. Não abandonai os vossos irmãos de trabalho e os vossos companheiros de miseria que são os operarios estrangeiros. Cumpri um dever de humanidade.

CIRCULO LIBERTARIO INTERNACIONAL

Varios Homens, amantes fervorósos do Progresso e da Vida, querendo gozar, firmar e difundir o PENSAMENTO MODERNO, constituiram um grande Circulo Libertario Internacional de educação e propaganda revolucionarias que será um fóco poderoso de energias concientes ativas capaz de alimentar uma forte corrente de opinião neste pais onde as melhores energias humanas se perdem inteiramente. O C. L. I. estará aberto a todos os individuos que marcham paralélo á evolução da Vida, devendo ser sua lei de harmonia, que manterá perfeita solidariedade entre seus membros, o ideal proprio de todo ser humano que, cultivando a razão e educando os sentimentos, procura elevar-se do baixo nivel em que jaz a sociedade atual para alcançar as alturas mais serenas. O C. L. I. tem por fim: fundar o periodico *A Gréve* dedicado á questão social, crear escolas libertarias onde se ensinará segundo o método racional instituido pela ciencia positiva, organisar uma bibliotéca sociologica para uso dos seus membros, realisar conferencias sobre os mais importantes assuntos cientificos, literarios e artiticos, representar obras teatrais de valor moral incontestavel, dar saráos musicais, realisar excurçõis expansivas, fundar uma Liga de Resistencia, crear um centro de informaçõis nacional e internacional, editar obras de propaganda libertaria, promover a venda das publicaçõis libertarias que forem remetidas em consignação, relacionar-se com todos os grupos afins para permuta de idéas, informaçõis, obras, etc. etc.

O nosso companheiro Pausilippo da Fonseca efétuou domingo, 19 do mez passado, no centro operario do Jardim Botanico, diante de grande auditorio, a primeira conferencia do C. L. I. Servio de tema o papel do operario na evolução humana. O orador principiou por justificar a necessidade duma propaganda minaz das idéas libertarias; discutio em seguida a questão do trabalho e do capital, fazendo uma sinópse retrospéctiva das conquistas do homem: primeiro em luta constante contra os horrores duma vida selvagem, depois em rivalidades odientas contra o seu semelhante; a passagem gradual dos bens para ás mãos duma minoria previlegiada; a origem do direito e mostrou como a razão interesseira tem tirado consequencias infames de principios puros. Depois referio-se a situação do operario na sociedade moderna e principalmente no Brasil, que é, segundo o orador, onde menos ha respeito pelos direitos dos que trabalham. E havendo provado que em virtude das multiplas condiçõis de vida é aqui onde o trabalhador está mais sacrificado, concluio pela indeclinavel precisão dos operarios agirem na sua propria defesa e da causa humana. O grande numero de camaradas que o ouviam, aplaudiram-n'o com sincéridade; e dentre êles alguns usaram da palavra para secundar as suas proposiçõis. E no meio da mais franca e livre camaradagem, dispersou-se a reunião.

Convidamos a todos os camaradas, que ainda não o fizeram para aderirem ao C. L. I. Dirigir-se provisoriamente á redação deste periodico.

A. F.

Igreja? Que é isto, pois? Igreja? — respondo eu, é uma especie de Estado, e a especie a mais mentirosa. Mas, cala-te, cão de fogo, tu conheces tua especie melhor do que ninguem. O Estado é um cão hipocrita como tu mesmo, como tu mesmo êle gosta de falar em fumaça e em latidos, — para fazer crer, como tu, que sua palavra vem do fundo das coisas. Porque o Estado quér absolutamente ser a bêsta a mais importante sobre a terra, e todo o mundo crê que o é.

Nietzsche.

BIBLIOGRAFIA

La Utopia, um opusculo escrito com muito talento por Edmundo Bianchi, que procura justificar o pensamento de Lamartine que "as utopias são geralmente verdades não compreendidas pela maioria," é um ardente poema em prosa simples e limpida á Anarquia, idéal que não é, como pensam os éfemeros, um sonho de visionarios, mas um produto da eterna evolução, que a ciencia positiva constata como verdadeiro. Este folheto foi elegantemente editado por *La Rebellion*, Orillas del Plata, 281, Montevidéo, 10 cents.

Nuestro Ideal, precedido de um prólogo de Magno Espinola e duma introdução em versos por Alejandro Eskobar y Karbayo, que são um poema fórmoso, é outro hino em prosa exaltada e meiga consagrado ao ideal redentor por Pedro Cabezon, um talento que possue belas qualidades. Ha paginas neste pequeno opusculo que são realmente belas e novas. Pertence esta edição á bibliotéca de *El Martillo*, Casilla 788, Valparaiso.

La Religion y la question social, como indica o proprio titulo, é um interessante estudo sociologico. J. Montseny, o seu autor, claro e logico, estudando este debatido assunto, traz novos subsidios para a literatura anarquica. Si tivessemos maior espaço dariamos um extrato deste trabalho que merece ser lido por todos aqueles que se dedicam ao estudo da questão moral. O prefacio *Para mis amigos* foi escrito por um cerebro que possue idéas proprias. O *Grupo Libertad*, Montivideo, iniciando a sua biblioteca, escolheu um trabalho digno. Este, como os dois primeiros, nos foram remetidos de Montevidéo pelo nosso bom camarada Antonio Sanchéz, que tão boas recordaçõis deixou entre nós, quando da sua ultima visita ao Brasil. Enviamos, por seu intermedio, aos seus autores mil gracias.

No café, um dialogo exelentemente pensado e excelentemente escrito, é o celebre trabalho de propaganda de Errico Malatesta, um dos mais notaveis publicistas libertarios, agora cuidadosamente traduzido em portuguez e editado pelo grupo *O Amigo do Povo* de S. Paulo. E' preciso que todos os nossos amigos espalhem o opusculo de Malatesta, afim de estender no Brasil a propaganda das idéas libertadoras como tambem para que se possa publicar un segundo folheto. O seu preço é: 1$000 a duzia e 100 réis o exemplar. A' venda nesta administração.

La Redencion del Campezino é outro opusculo de propaganda, escrito por Antonio Apolo, o conhecido redator de *Tierra y Libertad*. E' um trabalho formoso composto numa linguagem clara para estender as redentoras idéas de justiça e de liberdade. Recomendamos a todos os companheiros o trabalho de Antonio Apolo. Pode adquirir-se nesta administração.

La Teoria Lombrosiana del Deliquente é um importante estudo publicado nos *Archivos de Criminologia, Medicina Legal e Psiquiatria* de Buenos Ayres por Evaristo Moraes, um dos mais competentes nesta materia entre os poucos que aqui existem. Evaristo, o autor de tantas monografias notaveis, faz neste opusculo a critica da teoria lombrosiana com a mesma erudição precisa e a mesma honestidade que lhe são habituais. Nesta pequena noticia sobre este estudo, que tantos elogios teve do Dr. Ingineros de Buenos Ayres não queremos sinão agradecer ao seu autor a remessa do exemplar que nos enviou.

O nosso camarada A. Hamon, professor na Universidade Nova de Bruxellas e no Colegio de Ciencias Sociais de Paris, um dos mais notaveis sociologos da Europa, universalmente conhecido por seus importantes trabalhos de psicólogia social, por carta datada de 28 de março ultimo dirigida ao seu velho amigo Elysio de Carvalho, participava o reaparecimento da sua importante revista para este mez de maio. *L'Humanité Nouvelle*, revista internacional de ciencia, letras e artes, é orgão livre do pensamento humano de tendencias as mais largas e as mais independentes. Ela que aparece mensalmente em Paris, em volumes de 128 paginas de texto, é colaborada pelas maiores celebridades do mundo: Tolstoi, Kropotkine, Réclus, Grave, Malatesta, Lemonier, Letourneau, Ferri, De Greef, De Potter, Novikow, Colens, D'Annunzio, Lombreso, Robin, Picard, etc. E' uma das maiores e das melhores publicaçõis mensais do mundo inteiro. A *Humanité Nouvelle*, que publica uma detalhada *Revista dos livros e das revistas* em todas as linguas, dará brevemente um estudo sobre o Socialismo e o Anarquismo no Brasil. Elysio de Carvalho, seu correspondente desde 1899, vai agora iniciar sua cronica trimensal sobre todo o movimento literario, cientifico e artistico do Brasil. Quem desejar assinar esta revista pode dirigir-se á esta redação que dará todas as informaçõis pedidas. Assinatura annual 20 frs. e semestral 11 frs. Envia-se prospectos, specimens, etc.

X. X. X.

CORREIO LIBERTARIO

O grupo *O Amigo do Povo*, que se publica em S. Paulo, tambem resolveu adérir ao Congresso Internacional Antimilitarista, enviando uma declaração onde difine as suas idéas a respeito da questão militar.

Os camaradas de S. Paulo tratam da fundação de um *Centro de Estudos Sociais* que já conta grande numero de adèrentes. Dirigir-se a Felipe Morales: rua Visconde de Parnahyba 72.

Os nossos companheiros do *O Amigo do Povo* e do grupo *Nuova Civiltá* resolveram apoiar o *boycottage* á Republica Argentina proclamado pelos camaradas de Montevidéo.

Constituiu-se em Piracicaba um circulo socialista-anarchico, denominado *Era Nova*, com o fim de realizar ativa propaganda naquéla cidade.

Os nossos amigos domiciliados em Juiz de Fóra, Minas, fundaram um pequeno circulo intitulado *E pur si muove*. Endereço: Sante Tucci, rua de Santa Rita, 35.

X. V.

EXPEDIENTE

O periodico *A Gréve*, que se publicará nos dias 1 e 15 de cada mez, põe as suas colunas á disposição de todos os individuos solidarios com os nossos principios. Os seus redatores traduzirão os trabalhos escritos noutra lingua e corrigirão os que vierem com menas correção.

✻

O periodico *A Gréve*, que é o orgão legitimo das aspiraçõis proletarias, publicará quinzenalmente uma cronica intitulada *Movimento Social* onde mencionaremos todos os fatos interessantes referentes ao movimento operario no Brasil e principalmente nesta capital: fundação de sociedades e grupos operarios, creaçõis de ligas de resistencia, avisos de reuniõis etc. Pedimos, pois, a todas as sociedades que nos enviem todas as informaçõis a respeito.

✻

O periodico *A Gréve* dará tambem em cada numero uma detalhada *Cronica Internacional* onde se registrará, com comentarios e documentos, tudo o que de importante passar-se no mundo proletario. Esta cronica será uma das mais interessantes seçõis da folha.

✻

O periodico *A Gréve*, além dos artigos cientificos, literarios, sociologicos, etc. dedicará uma seção especial ao movimento libertario no Brasil.

✻

O periodico *A Gréve*, que vem fortificar o espirito de rebeldia que nos levará ao triunfo das nossas aspiraçõis, publicará, sob o titulo *A Canalha*, todos os abusos, todas as perseguiçõis, todos os atropêlos policiais e patronais de que diariamente são vitimas os operarios, nos usinas, nas fabricas, nos campos, nos atelieres e nas oficinas. Os companheiros devem denunciar a esta redação todos as injustiças praticadas contra os trabalhadores.

✻

Fazemos um caloroso apêlo a todos os camaradas e amigos desta Capital e dos Estados no sentido de auxiliarem, na medida das suas forças, a manutenção do nosso periodico, que se publica unicamente por subscrição voluntaria. Ele, que não tem outra fonte de receita para a sua existencia que não sejam a constribuição expontanea e a venda avulsa que não da nenhum resultado, espera tudo daquêles que se acham solidarios com as idéas por êle desenvolvidas. E' preciso, custe o que custar, publicarmos *A Gréve*, o unico jornal libertario que existe atualmente nesta cidade, o maior centro operario do Brasil, onde aparecem apenas tres periodicos de propaganda emancipadora. Será, realmente, lastimavel que os muitos companheiros domiciliados nesta capital não mantenham, num momento de lutas energicas como é este que atravessamos, o unico orgão de propaganda e defeza dos nossos grandes principios. Si os nossos camaradas são solidarios moralmente com a nossa obra não podem deixar de apoiarem o nosso periodico. Nós, os que prevemos um futuro melhor para humanidade, daremos uma prova bem triste si não atendermos ao chamamento á luta que fazem dos quatros cantos do mundo os nossos companheiros. Não vacilemos: a fraqueza, o renunciamento, a inercia são virtudes do covarde. A solidariedade internacional nos chama A luta, pois.

✻

Pedimos a todos os camaradas, que ouvirem o nosso apêlo, para que o jornal seja publicado pontualmente, já que não pode por ora ser semanal, que nos enviem as suas contribuiçõis pecuniarias sempre nos tres primeiros dias de cada mez: a tipografia que imprime *A Gréve* cobra adiantadamente a importancia de cada numero.

✻

Todos os grupos e camaradas, á quem remetemos pacotes do periodico, devem comunicar em tempo o numero de exemplares de que precisam, afim de regularisarmos a tiragem.

✻

O nosso periodico não tem assinatura, sendo aceita qualquer quantia enviada para a sua manutenção por todo aquêle que deseja recebel-o.

✻

O nosso periodico deve ser espalhado por toda parte, pois, queremos o favor de todos os individuos que vivem, sentem e pensam.

✻

Desejamos ter em todas as localidades importantes do Brasil e nas capitais do Estrangeiro um camarada que represente o nosso periodico, quer para cuidar da subscrição voluntaria, venda avulsa, propaganda, etc. quér para enviar-nos uma cronica sobre o movimento social no lugar em que reside. Os camaradas que quizerem auxiliar-nos nesta empreza dirijam comunicaçõis urgentes.

✻

Estamos certos de que todos aquêles que acharem util a nossa obra, virão em nosso auxilio.

✻

Toda correspondencia relativa á redação, (artigos, correspondencia, livros, opusculos, permuta de jornais, etc.) deve ser dirigida á: Elysio de Carvalho, rua do Riachuelo, 204, Rio de Janeiro, Brasil. A parte administrativa, (remessa de dinheiro, pedido do periodico e opusculo, etc.) fica á cargo do camarada Eduardo Palacios, rua Theodoro da Silva, 22, (Villa Izabel), Rio de Janeiro, Brasil.

AVISO

Deixamos de publicar por absoluta falta de espaço a subscrição voluntaria permanente para a publicação d'*A Gréve*, o que faremos no proximo numero.

Eduardo Palacios, gerente

Typ. Lith. de L. Malafaia Junior